

O DIABO¹²

Manoel Ambrósio



[45]³ O Joaquim da Ponte, filho da Antônia Grande de Macaúbas, no distrito do Brejo do Amparo — Minas — era um rapaz desastrado, cachaceiro e muito brigão.

Criado na moleza e na adulação, como filho único, cedo ficara sem pai, e assim chegara à maioridade, tomando conta do restinho do patrimônio paterno, dissipando-o a seu talante em pouco tempo.

A velha mãe amargamente se queixava do filho, dava-lhe bons conselhos, ralhava, ameaçava, por fim, isto enquanto pudera.

O Ponte, sempre incorrigível, intratável, malcriado e malandro, logo que nada mais achou, nem teve para gastar, não mais quisera suportar a mãe, que começara a sofrer tanto do filho ao ponto de ser por ele barbaramente espancada. Enfermando-se Antônia gravemente, a conselho de pessoas de sua amizade, resolvera deixar definitivamente a companhia

¹ AMBRÓSIO, Manoel. O diabo. In: _____. *Pedro brabo e o diabo: contos de Manoel Ambrósio*. Minas Gerais: Ed. dos Autores, 2022. P. 45-51. [1935]

² A primeira publicação conhecida do conto foi na revista *A noite ilustrada*, em 23 de outubro de 1935.

³ Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

daquele maldito filho, indo residir a três léguas para a casa de um seu compadre, no correr do penoso ano de 1890.

[46] Embora trabalhador e generoso, muito pobre e de numerosa família, esse homem, verdadeiro e raro amigo, acolhera na adversidade alegre e serviçal a boa comadre, vendo-a em grande penúria, e nada poupando para um tratamento condigno à medida de suas forças.

Porém, coitado, o seu labor fatigante, por mais que quisesse, não sobrava para tantos cuidados que o estado de saúde de sua hóspede requeria.

Um dia lembrara-se a velha Antônia de chamar seu amigo e protetor em particular.

— Meu compadre, estou cada vez pior. Preciso tomar remédio seriamente. Vejo bem que o senhor é muito pobre e que somente a caridade prende-me em sua casa.

— Que tem isto, minha comadre? Será possível que a senhora queira retirar-se do nosso rancho neste estado penoso em que se acha? E mais ainda, para onde? Mesmo com a nossa pobreza, penso...

— Não senhor! — atalhou Antônia. — Não é disso que eu quero falar. Ando, é verdade sem meios; mas, é necessário que cada um faça seu esforço. Contemplo muito o senhor lutando. Custa-me isto bastante e entendi não dever calar-me. Resta-me ainda, dos bens deixados pelo meu marido, uma vaca que meu filho não vendeu, segundo estou informada. É bom que o compadre tome providências para pegar e vendê-la, ou dela fazer ou dispor à vontade, com tanto que me compre alguma roupa e remédios.

— Para que semelhante sacrifício, minha comadre? Nós iremos passando com a graça de Deus sem maiores vexames.

— Agradeço-lhe muito; porém, eu quero e exijo este negócio.

— Não seria melhor que a comadre guardasse para mais logo este pequeno recurso? Ninguém sabe o futuro...

— Já refleti muito. Nada vale isto. Se ela morrer, ou meu filho lançar mão deste último possuído para beber ou jogar, não dará no mesmo, não será pior?

[47] — Lá isto não tem que ver; e neste caso farei o que a senhora quiser. Que há de mais a mais é seu filho. Quando souber...

— Bem sei que será um berreiro; mas, não se importe. Lanço mão do que é meu.

Dias depois, para facilitar a venda entre vizinhos, eram repartidos os quartos de uma gorda matalotagem, cuja notícia célere chegara aos ouvidos de Joaquim da Ponte.

Esse, logo que soubera, rompera em duras invectivas contra sua mãe.

— Neste momento irei dar uma sova àquela burra velha; dissera ele aos vizinhos. Quero e hei de saber como, sem minha ordem, mandou o sem vergonha do compadre dela, pegar minha vaca e sem dar-me parte. É desaforo que eu, Joaquim, não comerei calado. Nunca, nunca!

Todos conheciam os disparates daquele mau filho. Mil coisas graves iam dar-se.

Aconselharam-se uns com boas razões para dissuadi-lo dos péssimos instintos, deixando a velha em paz.

Outros apontavam-lhe as graves consequências que poderiam resultar de qualquer imprudência. E a todos resistira o obstinado e perverso.

Rasgando-se de ira, correrá apressadamente ao campo, pegara o seu cavalo; e arriando-o metera-se a caminho por um atalho que saía fora um

pouco da estrada real, para chegar sem demora e de improviso, onde se achava sua mãe.

Os que o haviam aconselhado, conhecendo do quanto horroroso e capaz aquele desbragado rixoso e valentão, permaneceram em sobressalto, esperando a todo o instante notícias bem funestas.

Mas o tempo foi passando e quase ninguém mais do caso se lembrava, quando dois dias depois aparecera, pastando aqui e acolá nas matas próximas, o cavalo arreado do Joaquim.

[48] Imediatamente divulgado o fato, diversas pessoas reuniram-se à procura do desventurado moço.

— Alguma coisa de anormal acontecera; era a opinião geral.

E a resolução foi tomada: encontrá-lo de qualquer modo. Batendo a estrada real, nenhum vestígio encontraram até a casa onde se hospedava a mãe de Joaquim, que só então soubera das loucuras do filho.

Afligira-se muito a pobre senhora.

Acontecera, sem dúvida, alguma desgraça no caminho. Ele ali não havia chegado.

De novo o pessoal se espalhou pelo campo e somente depois de infrutíferas pesquisas lembraram-se, então, das pegadas do cavalo e por essas ao terceiro dia foram encontrar, no meio da areia do atalho de que falamos, o Joaquim estendido, sem dar acordo de si. Suas armas — espalhadas aqui e acolá.

Estava vivo, porém.

Chamaram-no repetidas vezes.

Não respondera e mal respirava.

Meteram-no em uma rede e lá se foram até sua casa.

Não apresentando ferimentos de qualquer espécie, supuseram ser algum ataque que sofrera, violência talvez dos maus precedentes que o acompanhavam.

Custou muito a ser chamado à vida. Melhorado que foi, às instantes perguntas que lhe eram dirigidas, respondera, confessando o seguinte:

— Na verdade, tinha eu partido daqui, levando, não nego, a má intenção de dar uma surra em minha mãe, assim a avistasse.

Ia tão danado da minha vida, que deixei a estrada real e tomei o atalho que devia levar-me depressa daqui a légua e meia; a um lado do caminho, avistei de longe um indivíduo de quem não fiz caso algum, nem mesmo me passou pela mente qualquer coisa, sendo aquilo um caso trivial.

[49] E segui viagem.

Estava esse sujeito de pé, imóvel, na atitude de quem esperava por alguém. Naquele ermo somente eu avançava para o desconhecido.

Lembrava-me de alguns desafetos meus; e para mostrar (caso aparecesse algum), que eu de ninguém recuava, preparei-me; porquanto, ia bem armado.

Apertando o passo do cavalo, fui me avizinando.

Pareceu-me logo que o desconhecido me olhava de um modo particular.

Vi bem que era um crioulo alto, feio, de má catadura, um negrão, descalço e sem chapéu, ao sol ardente.

Não me importei.

Puxei as abas do meu chapéu para a frente, a fim de observá-lo à minha vontade.

Afrouxei a faca na bainha, preparei o facão, a espingarda de dois canos, aperrei a pistola para algum imprevisto e corajosamente rasguei a estrada.

Seriam dez horas da manhã, mais ou menos, quando passava, fingindo-me indiferente por essa criatura, quase roçando-lhe as vestes.

Saudei-a.

E a resposta que tive foi uma chicotada na cara.

Repliquei despejando à queima-roupa, no peito, os dois tiros de pistola, sem mais tempo de usar a espingarda, que eu não soube que rumo tomara.

O negrão não se importara com os tiros.

Apeei debaixo de muitas chicotadas.

Usei da faca e com desespero cravei uma punhalada certa no coração do negro.

E taca entrando, caindo, doendo!...

Tentei feri-lo por diversos modos; mas, o ferro de nada valia.

[50] Aquele golpe certo no coração que eu cuidara infalivelmente mortal, resvalara em alguma coisa que não parecia corpo. Inútil a faca; desenganado, arremessei-me para longe.

Recuando um pouco, vali-me do facão e disse comigo: racho-te de uma vez, negro miserável!

E abri o braço com vontade.

Que facão, nem qual facão!

O couro entrava vigorosamente dobrado e tão ligeiro, que eu, cheio de ira, atirei a arma para um lado e tentei abordar o inimigo, agarrando-o para despedaçá-lo a unhas e a dentes.

E chibata a cantar na mesma toada, sem parar um instante.

— Arraso-te, desgraçado! — avançava eu.

Era a sede de morder-lhe a cara, arrancar e comer pedaços de carne, derrubar e o estrangular de uma vez com todas as forças e revolta da vingança. E nada achei, então, em que pegar.

Minhas mãos nervosamente se crispavam em uma espécie de sombra que escapava sem desfazer-se.

E aquele ser misterioso surrava-me desapiedadamente, sem dar-me mais um instante de alívio, até que tombei por terra debaixo de uma taca furiosa e cortante.

E nem sequer lembrar-me, ao menos, de que aquele sujeito não era gente viva, deste mundo.

Quando este pensamento me chegou, foi rápido, porque eu já pedia socorro, estirado na areia.

Mesmo assim, apanhei até perder de todo os sentidos.

— E você, então, que pensa desse indivíduo? perguntaram-lhe.

— Não sei!

— Nem quantos dias ficou no campo?

— Dias?... Que dia é hoje?

[51] — Quarta-feira! Teu cavalo apareceu sem você, ontem; mas, deveras, você não sabe não se lembra, não conhece, nunca viu esse tipo que lhe bateu?

— Nada! De nada sei, senão que comi peia por bagaço!

— E como sabes que apanhou, se seu corpo não apresenta sinal algum de chicote?

— Assim é; mas, não sei explicar também. Não posso! A verdade é que estou muito doente, moído de taca. Não sei! Não sei! Do modo como apanhei e debalde procurei defender-me, concluo que só sendo o... diabo!



FICHA TÉCNICA

Coordenação: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Preparação e revisão textual: Amanda Marinho,
Ana Giulia Mussury, André Azevedo de Alvarenga,
Arthur Dias Fontes, Larissa Adur, Rosane Russo
E Sora Maia Souza.

Design gráfico: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

